

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa SEMANAL

EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL	4/1/90	ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

Escrever na água



Augusto Abelaira

O escândalo

Escrevi há duas ou três semanas que numa coisa estávamos livres: os partidários da AD poderiam dizer que tinham ganho as eleições, mas não que tinham por eles a maioria do povo português. Isto em função dos números que, julgava eu, falavam claramente, embora com modéstia, contra a AD. Enganei-me. Carlos Macedo acaba de dizer, aos microfones da RDP, e a abrir o ano, qualquer coisa como isto, cito de cor: «O que levou a maioria do povo português a votar na AD...» Etc. Desatenção? Convicção sincera, por um mecanismo psicológico compreensível, de que estava a afirmar uma evidência? Expressão involuntária dum desejo frustrado? Não sei. Registo apenas o facto e a ingenuidade da minha previsão. Qualquer

dia eu próprio estarei convencido de que é verdade, a AD teve a maioria dos votos. Ou que alguns dos seus votos são votos de qualidade, valem portanto mais.

Mas, mudando de assunto: Leonardo Ribeiro de Almeida disse, segundo a RTP, que o governo de Maria de Lurdes Pintasilgo era um governo para esquecer. A frase surpreende-me porque ninguém pode esquecer aquilo de que não tomou conhecimento e, vivendo no passado de ideias que parece ser o seu, Ribeiro de Almeida não pode esquecer o governo Pintasilgo. Nem lembrar, obviamente. Movendo-se nesse passado, quando muito poderia ter dito: «É um governo para não prever». E falaria verdade, pois Maria de Lurdes Pintasilgo está no seu (dele) futuro que, por infelicidade de muitos, pertence já ao passado.

Um passado de natureza diferente, em todo o caso, do passado que temos à nossa frente e que nos prometem os companheiros de Ribeiro de Almeida. Por que este novo passado até já foi futuro (como todos os passados), mas no tempo de Marcelo Caetano, quando Sá Carneiro, com indiscutível firmeza, quis modernizar o regime e tentar, na medida do possível, dar aos portugueses a liberdade de se exprimirem. Hoje, porém... Porque entretanto o 25 de Abril veio oferecer aos portugueses novas perspectivas que, aliás, se vão transformando em ilusões, pelo menos provisoriamente.

E então a frase de Ribeiro de Almeida tem interesse porque exprime a sua alergia a certas propostas que, em última análise, teremos de considerar de esquerda. De uma forma menos educada, por vezes extremamente grosseira, essa alergia ma-

nifestou-se numa grande parte da Imprensa portuguesa que não poupou Maria de Lurdes Pintasilgo — tê-la-á poupado ainda menos do que poupa certos políticos mais reconhecidamente de esquerda. Porquê?

Provavelmente porque, de certo modo, Maria de Lurdes Pintasilgo era mais perigosa. Que um Cunhal ou um Mário Soares, para não falar da extrema-esquerda, tenham certas preocupações sociais, ainda que muito diferentes, pode a direita aceitar. Mas que uma mulher não proveniente da esquerda clássica, ainda por cima católica, também as tenha, já é mais grave, é um sinal de que essas pecaminosas preocupações estão a invadir perigosamente uma coutada que se pretende alheia a elas. Um adversário que será necessário abater com mais violência, por representar um lamentável exemplo.

Num certo sentido, Soares e Cunhal servem até para provar que vivemos num regime democrático. Mas Maria de Lurdes Pintasilgo surge como uma ameaça num outro plano: podem certas preocupações sociais, alheias aos interesses da CAP e da CIP, fascinar pessoas que nem sequer passaram pela sedução marxista?

O receio civilizado, bem visível, dos jornais que a acusam de «mulher só», isto é, de não ter apoios entre os não-marxistas ou, menos educadamente, daqueles que procuram eliminá-la através do insulto e da mentira está pois na lógica dos interesses ameaçados. Maria de Lurdes Pintasilgo foi, nesse plano, um escândalo.

A prova, afinal, de que o futuro ainda existe e não é privilégio de ninguém.